

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL DOS PROFESSORES: RELEVÂNCIA PARA AS PRÁTICAS INCLUSIVAS

Sofia Campos

Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viseu

Rosa Martins

Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viseu

Sara Alexandre Felizardo

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu

Claudia Chaves

Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viseu

Esperança Jales Ribeiro

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu

<https://doi.org/10.17060/ijodaep.2014.n1.v6.756>

Fecha de Recepción: 13 Febrero 2014

Fecha de Admisión: 30 Marzo 2014

ABSTRACT:

The main aim of this work is to evaluate the emotional intelligence and the inclusive practices of special education teachers, who work with handicapped children and teenagers in public elementary and secondary schools, so as to understand which variables can influence emotional intelligence of view of special education teachers. This way we can understand the importance of developing this concept in self-managing emotions in building inter and intra personal relationships, leading to these professionals having greater effectiveness within the school.

In our empirical research, we apply the "EQ-map" scale, which allowed us to evaluate the Emotional Quotient of a group of special education teachers specializing in mental and motor areas as well as visual and auditory disabilities. We also conducted interviews with the aim of realizing the special education teachers' perceptions regarding emotional intelligence. The results are in line with those found through the questionnaire.

In this sense, our main results show that in our sample emotional intelligence is located mostly in vulnerability levels and need for attention, which varies inversely with Life occurrences and general health and positively with the Quality of Life and Satisfaction, Relationship Quotient and Optimal Performance. This is a descriptive epidemiological, cross-sectional and correlational study.

Key-words: Emotional Intelligence, Special Education Teachers, Inclusive School.

RESUMO

O trabalho que desenvolvemos tem como principal objectivo avaliar a Inteligência Emocional de Professores de Educação Especial que trabalham com crianças e jovens portadoras de deficiência em Escolas públicas e privadas do Ensino Básico e Secundário e a sua relevância para a inclusão.

Nesta perspectiva, pretende-se perceber quais as variáveis que podem influenciar a Inteligência Emocional no contexto dos docentes de Educação Especial, para que deste modo possamos compreender a importância do desenvolvimento deste conceito na auto gestão das emoções e na construção de relações inter e intra pessoais, que levem a uma maior eficácia das práticas inclusivas destes profissionais.

Aplicamos uma Escala, o “EQ-map”, que nos permitiu avaliar o Quociente Emocional de um grupo de professores de Educação Especial especializados, nas áreas mental-motora, visual e auditiva. Fizemos também entrevistas com o objectivo de perceber quais as percepções que os Professores de Educação Especial têm sobre a Inteligência Emocional e os resultados vão ao encontro dos encontrados pelo questionário.

Neste sentido, os nossos principais resultados revelam que a Inteligência Emocional da nossa amostra se situa maioritariamente em níveis de vulnerabilidade e a necessitar de atenção e que varia negativamente com a Ocorrências de Vida e Saúde em Geral e positivamente com a Qualidade de vida, Satisfação de Vida, Quociente de Relacionamento e Desempenho Ótimo

Trata-se de um estudo epidemiológico, transversal correlacional e descritivo.

Palavras-Chave: Inteligência Emocional, Professores de Educação Especial, Escola Inclusiva.

INTRODUÇÃO

O nosso projeto aborda a Inteligência Emocional dos Professores de Ensino Especial, na medida em que pensamos que é o professor o centro da chamada escola inclusiva e quem mais pode contribuir para a sua prática. Dentro desta linha, Santos (1991), citado por Carvalho e Peixoto (2000:105) diz que:

Os problemas infantis são essencialmente problemas de relação. Em psicologia moderna a relação é encarada como um sistema de comunicação que permite trocas de sentimentos, emoções e conhecimentos.

Nos anos 80-90 começou a haver um afastamento da noção de Inteligência concebida como um constructo puramente racional e como a única capacidade de excelência preditor e explicativa do comportamento humano em determinadas situações, começando-se a valorizar outras capacidades e competências do indivíduo.

Um dos grandes responsáveis por esta alteração foi Goleman que em 1995 começa a dar “voz” a alguns autores anteriores defensores de que a inteligência não se limita a uma capacidade única e racionalizante mas também se estende à capacidade do indivíduo ser capaz, e tendo em conta um ponto de vista sistémico, se integrar de forma plena na cultura em que vive e nos seus vários contextos, consigo próprio e com os outros potenciando desta maneira todas as suas competências e mobilizando-as quando necessário.

Esta visão abrangente e multifacetada que já tinha sido iniciada por Gardner, que já defendia que a inteligência não se limitava à resolução de problemas, abre as portas a uma concepção alargada às várias habilidades dos indivíduos.

Por outro lado, os estudos e avanços das neurociências como os de Damásio (2003) e Ledoux (2000) vêm contribuir para a noção de que os sistemas cognitivos e emocionais estão interligados coisa que até aí não era concebido. Estes autores demonstraram que muitas das informações sensoriais passam pelo sistema límbico (amígdala) que é responsável pelo armazenamento e processamento da informação emocional.

O aparecimento do conceito Inteligência Emocional vem interligar de alguma forma estes dois sistemas (cognitivo e emocional) e traduzir-se no uso *Inteligente* das emoções, isto é, fazer com que as emoções trabalhem a favor do indivíduo usando-as como uma ajuda para optarem por um determinado comportamento de forma a potenciar os seus resultados.

Neste sentido, Mayer e Salovey, autores que em 1993 criaram a expressão “inteligência emocional”, descrevem-na como a capacidade de perceber, avaliar e expressar corretamente as emoções, ser capaz de utilizar sentimentos quando eles podem facilitar a compreensão de si ou do outro e a capacidade de controlar as próprias emoções para promover o crescimento emocional e intelectual.

Sabemos que, a comunicação, é a base de qualquer relacionamento e é com ela que conseguimos estabelecer vínculos. Por sua vez, é o vínculo que constrói um relacionamento. Deste ponto de vista, entendemos que a capacidade de comunicar, e de comunicar bem num sentido lato, é uma competência de valor incalculável quando pensamos em contextos de trabalho. Saber gerir um conflito, ser capaz de entender o sentimento do outro, e ajudar a geri-lo, conseguir escolher a palavra “certa” o gesto “adequado” entender o significado de um sentimento não manifesto mas presente, ter a competência de se gerir a si e ao outro bem como aos seus vínculos num determinado contexto, pode e faz toda a diferença num profissional de excelência. Na nossa investigação este profissional é o professor de ensino especial que trabalha com crianças e jovens portadores de deficiência mas também com todos os outros agentes da comunidade educativa, que faz a ponte com os pais e também com o meio no qual a escola está integrada.

A Escola contemporânea, deve dar resposta a todas as crianças, de modo que respeite os seus direitos e que a inclusão seja de tal forma uma realidade que não precise de ser referida. Para que isto aconteça, tem que haver alterações significativas na perspectiva da conceção de Escola. Os processos de ensino-aprendizagem daí decorrentes devem orientar-se pelos princípios de igualdade de oportunidades educativas e sociais, a que todos os alunos têm direito.

A Inclusão de alunos portadores de qualquer deficiência, é um enorme desafio que se coloca aos professores, principalmente quando queremos uma escola para todos e se aceita que mesmo as crianças com problemas mais graves devem frequentar a escola e nela encontrar as respostas adequadas às suas necessidades específicas.

Neste sentido, a escola atual, deve perspectivar-se em construção permanente, dinâmica, flexível, e identificar-se pela abertura à mudança.

Nesta perspectiva, o perfil e as competências do professor no apoio direto ao aluno com necessidades educativas especiais, bem como numa perspectiva mais vasta, de elo de ligação a toda a comunidade educativa e de alguém que deve promover na escola a inclusão, tem que possuir competências que vão além das esperadas para qualquer outro professor.

Sendo assim e segundo Porter (1998), referido por Carvalho e Peixoto (2000), tornam-se importantes a experiência e a competência técnica, mas também o perfil emocional, como fatores para escolher os docentes de educação especial. Parece-nos claro que ser professor de educação especial pressupõe não só a formação adequada, bem como competências intra e interpessoais necessárias ao atendimento de crianças com N.E.E.

Interrogamo-nos, qual será a importância da Qualidade de Vida para o perfil do Professor de Educação Especial? Será a Inteligência Emocional um fator fulcral no exercício do professor? Quais as variáveis que mais interferem neste tipo de desempenho?

REVISÃO DA LITERATURA

No início dos anos noventa, Peter Salovey, psicólogo de Yale e o seu colega John Mayer da Universidade de New Hampshire batizaram a inteligência interpessoal e intrapessoal com o nome de

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL DOS PROFESSORES: RELEVÂNCIA PARA AS PRÁTICAS INCLUSIVAS

Inteligência Emocional. No entanto, foi com o psicólogo Daniel Goleman que o assunto da Inteligência Emocional despertou mais atenção. (Mártin & Boeck, 1997).

Segundo Silva, (2001), o termo Inteligência Emocional foi originado por Wayne Payne em 1985, mas foi Daniel Goleman em 1995 que o popularizou através do seu livro intitulado de “Inteligência Emocional”.

Silva, (2001), afirma que a Inteligência Emocional (I.E.) ou Quociente de Emocional (Q.E.) foi inicialmente entendida por Thorndike como Inteligência Social e definida como a habilidade de se relacionar com as outras pessoas. Posteriormente, foi melhor definida como a capacidade para lidar com emoções em 4 áreas fundamentais, entre as quais, perceber e expressar emoções, assimilar e integrar emoções no pensamento, compreender e raciocinar com emoções, regular e manipular as suas próprias emoções bem como aquelas de outras pessoas, em diferentes contextos. Em suma a Inteligência Emocional engloba a habilidade para monitorar as suas próprias emoções e as emoções de outros.

A inteligência tem sido definida e estudada de diferentes formas.

Segundo Silva (2001), num sentido mais familiar, a Inteligência define-se como as habilidades individuais para aprender e raciocinar. Diferentes indivíduos têm aptidões diferentes, capacidades e habilidades cognitivas distintas. Mas, por outro lado, num sentido mais lato, a Inteligência pode ser definida como a habilidade ou capacidade para solucionar problemas.

A inteligência emocional compreende qualidades como a compreensão das próprias Emoções, a capacidade de nos pormos no lugar dos outros e a capacidade de controlarmos as emoções de forma a melhorar a qualidade de vida. (Mártin e Boeck, 1997).

A sigla Q.E. é a abreviatura de Quociente Emocional e refere-se ao nível de inteligência emocional de uma pessoa. A inteligência emocional é formada pelas necessidades emocionais, os impulsos e valores verdadeiros de uma pessoa, e por isso se afirma que a Inteligência Emocional guia todo o nosso comportamento social.

Como anteriormente referimos, em 1995, Daniel Goleman escreveu um livro intitulado “Inteligência Emocional”, pois em seu entender havia a necessidade de dar a conhecer ao público em geral o significado do termo uma vez que havia pouca informação sobre este assunto. No seu livro, Goleman descreve vários tipos de Inteligência Emocional e mostra como foi provado em várias pesquisas, que estes são mais significativos do que o Q.I. nas áreas de saúde emocional, de êxito nos relacionamentos, e no próprio desempenho profissional.

A inteligência emocional, assim como a intelectual, é primeiramente uma função do cérebro. Esta estabelece-se em grande medida nos neurotransmissores do sistema límbico central, que dominam os sentimentos e os impulsos. No entanto, apesar de ter uma grande componente genética, certas competências emocionais podem ser adquiridas através da experiência e da formação (Rego e Cunha, 2003).

Goleman (1995), definiu a inteligência emocional como a capacidade de auto-controlo, de zelo, de persistência, bem como a capacidade de no motivarmos a nós próprios, apesar as frustrações.

Segundo Mártin e Boeck (1997), uma grande inteligência não é ferramenta suficiente para o êxito. Mas através da inteligência emocional temos uma explicação científica para o facto de haver crianças sobredotadas que não alcançam o êxito na vida, contrariamente ao que acontece com alunos medíocres. Na realidade, existem outros valores que nascem do perfil emocional do indivíduo que modelam as pautas do triunfo pessoal e a auto-satisfação, tais como, a compreensão dos seus sentimentos e emoções, o optimismo e a capacidade de se emocionar. Estes aspectos são de facto importantes numa inteligência analítica e num pensamento lógico.

Não obstante estas novas propostas de inteligência Mártin e Boeck (1997), identificaram algumas capacidades essenciais da inteligência emocional. A primeira diz respeito ao facto de o indiví-

duo reconhecer as próprias emoções, pois quem sabe como se sente e porque se sente pode dominar as suas emoções, moderá-las e controlá-las. Na verdade saber controlar as emoções é outra capacidade básica. Não podemos escolher as nossas emoções, não podemos simplesmente desligá-las ou evitá-las mas, está na nossa mão poder orientá-las. O facto de podermos ou não controlar as nossas emoções de forma inteligente, depende em grande parte da inteligência emocional. Outra capacidade refere-se ao facto de saber utilizar o potencial existente. Um elevado Q.E. por si só, não nos torna génios mas o saber pôr-se no lugar dos outros é uma capacidade fundamental da inteligência emocional. Assim a empatia requer a predisposição para admitir as emoções, ouvir com atenção e ser capaz de compreender os pensamentos e sentimentos que não tenham sido expressados verbalmente.

Corroborando com Martín e Boeck (1997), ao afirmarem que Salovey e Mayer acreditavam que estas capacidades podiam ser aprendidas e aperfeiçoadas. Contudo, deve ter-se sempre como ideia base a necessidade de melhorar a gestão das nossas próprias emoções.

Segundo alguns autores, os Homens e as Mulheres sentem as emoções com a mesma intensidade, mas tendem a exprimi-las de forma diferente. Em geral, as mulheres são mais abertas, confessando facilmente a solidão, o embaraço ou o medo. Os homens tentam esconder estes sentimentos, talvez inconscientemente, tentando corresponder ao velho cliché de que “um homem não chora”.

Os Homens são considerados também como mais propensos a manifestar sentimentos de cólera perante estranhos (Martín & Boeck, 1997).

Diversos estudos têm investigado as diferenças entre géneros no que se refere à inteligência emocional. Por exemplo, Petrides, Furham e Martin (2004) cit. por Bueno (2006) informam que a inteligência emocional é percebida sistematicamente como um atributo feminino e o QI como masculino. Tal crença na superioridade das mulheres em relação aos homens, no que diz respeito à inteligência emocional, pode estar relacionada com o facto de que as mulheres (na opinião de Petrides, Furham e Martin (2004), cit. por Bueno (2006) demonstram maior competência social.

Um outro exemplo, surge do estudo levado a cabo por Sutarso (1999) citado por Bueno (2006), onde se verificou que as mulheres entre os 20 e os 40 anos obtiveram maior pontuação do que os homens da mesma faixa etária, tanto no resultado total, como nas sub-escalas do teste EQ-I construído por Bar-On.

Na explicação destes resultados é ainda referido que as mulheres são mais conscientes das emoções, demonstram uma maior empatia, relacionam-se mais facilmente do ponto de vista interpessoal e agem socialmente mais responsabilmente que o género masculino. Por outro prisma verifica-se que, os homens apresentam mais auto-respeito, maior independência, lidam melhor com o stress, são mais flexíveis, resolvem melhor os problemas e são mais optimistas que o sexo oposto.

No entanto Muller-Lissner (2001) apresenta os resultados de testes psicológicos, onde se questionam indivíduos de ambos os sexos sobre a hipótese de existir uma diferença entre ambos na maneira de sentir.

A maioria dos sujeitos manifestou a opinião de que os sentimentos são igualmente fortes em ambos os sexos, existindo apenas uma diferença no amor e na raiva. Assim, o amor seria sentido de forma mais intensa pelas mulheres e a raiva pelos homens.

Um outro aspecto referenciado nestes estudos, diz respeito à diferença significativa existente na expressão das emoções, verificando-se que o sexo feminino seria mais expressivo que o masculino.

Uma vez que no senso comum domina a ideia de que os homens são menos emotivos que as mulheres, é verificável uma distinção na educação das crianças de diferentes géneros. Perpetuando-

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL DOS PROFESSORES: RELEVÂNCIA PARA AS PRÁTICAS INCLUSIVAS

se este tipo de valores na transmissão cultural, os estudos de Muller-Lissner (2001) demonstraram que os pais utilizam palavras com maior carga emocional com as suas filhas do que com os filhos.

Na opinião de Goleman (1995), os pais, em geral, discutem temas relativos a emoções, mais com as meninas do que com os meninos, exceptuando-se esta conduta relativamente à ira, o que de certo modo confirma o anterior autor.

Também Brody & Hall (s.d) realizaram várias pesquisas sobre este tema e sugerem que o sexo feminino, talvez por desenvolverem o uso da linguagem mais cedo, expressa mais facilmente os seus sentimentos, sendo também mais hábil na utilização da palavra em substituição de determinadas reacções emocionais. Uma vez que os rapazes são menos incitados a verbalizar os seus sentimentos, tendencialmente tornam-se mais inconscientes aos estados emocionais, tanto próprios como dos outros indivíduos.

Na sequência destes resultados, Muller-Lissner (2001), expressa a sua discordância afirmando que até que persista uma educação diferenciada entre os géneros, dificilmente se comprovará a ideia de que o sexo feminino lida e manifesta melhor, de uma forma inata, com as emoções.

Considerando ainda a evolução cronológica da idade, estudos desenvolvidos por Mayer & Salovey (2002), demonstram que a inteligência emocional e social aumenta com a idade, pelo menos até à quinta década de vida.

Lust e Moore (2006) estudaram a importância da inteligência emocional em estudantes de farmácia e concluíram que os estudantes tinham uma percepção positiva da Inteligência Emocional e que valorizavam a inclusão deste conceito no currículo de estudos da sua formação de base.

Marín-Sánchez, Teruel y Bueno (2006) cit in Fernandez-Berrocal y Extremera (2006) analisaram os níveis de preparação emocional em estudantes do Magistério e a importância que tem para os futuros docentes como forma de enfrentarem situações problemáticas em contexto educativo. Os autores não encontraram diferenças significativas em função do género. Chegaram, inclusive, à conclusão que os futuros docentes atribuem muita importância às competências emocionais que permitem enfrentar e gerir os problemas e conflitos dentro da sala de aula. Finalizam, argumentando que consideram necessário a inclusão de competências sócio-emocionais no modelo de formação dos futuros professores, com o objetivo de formar e moldar um novo estilo de professor que seja igualmente capaz de gerir as emoções e os conflitos afectivos presentes nestes contextos.

Debra Vandervoort (2006) da Universidade do Hilo, no Hawaii, realizou um estudo sobre a importância da Inteligência Emocional na Educação do Ensino Superior e refere que na sala de um professor que possua uma inteligência emocional alta, haverá uma maior predisposição para adotar um estilo de ensino mais humanizado o que facilitará uma maior adesão dos alunos às aprendizagens. Esta autora refere, ainda, nas conclusões que a inclusão da inteligência emocional como uma disciplina do currículo da formação de professores pode facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

Janet Kremenitzer (2005) apresenta um estudo sobre as competências emocionais dos educadores de infância e o seu impacto nas crianças que ensinam. As conclusões deste estudo apontam para a importância dos educadores de infância serem modelos para as crianças, no desenvolvimento de competências emocionais que lhes permitam um melhor desenvolvimento social e emocional durante o seu percurso académico.

METODOLOGIA

Tendo por base estes pressupostos teóricos (revisão da literatura), os fatores anteriormente definidos e o modelo conceptual adotado, enunciámos o seguinte problema de partida:

-Qual é a Inteligência Emocional dos professores de Educação Especial da Região de Viseu, quais os parâmetros que a influenciam, a sua implicação nas práticas profissionais inclusivas.

Neste sentido, procurámos conhecer as características sociodemográficas e situacionais que caracterizam a Inteligência Emocional dos professores de Ensino Especial da Região de Viseu e perceber quais as variáveis que influenciam a Inteligência Emocional bem como as que têm maior peso preditivo na população em estudo.

A inclusão e o bem-estar das crianças com Necessidades Educativas Especiais é afetado por múltiplos aspetos: desde o meio social e físico e estrutura familiar à organização educativa e a forma como essa organização se processa ao nível relacional com os agentes educativos, nomeadamente os professores do Ensino Especial. Neste sentido, índices elevados de Inteligência Emocional nestes profissionais permitem e potencializam não só uma inclusão no verdadeiro sentido, mas também um maior bem-estar profissional, que por sua vez proporcionará uma eficaz “teia” de relações interpessoais na Escola.

Então faz todo o sentido, que o estudo sobre a Inteligência Emocional incida e abranja uma grande variedade de parâmetros, para que resulte uma verdadeira visão holística do Homem.

Trata-se de um modelo que engloba dois grandes domínios: (1) sociodemográfico que integra o sexo, idade, estado civil, tipo de especialização, tipo de escola, nível de formação, tempo de serviço no ensino especial; (2) psicossociais que integram a construção da Inteligência Emocional, a Qualidade de Vida atual, a alfabetização emocional, as competências emocionais, os valores e crenças e as consequências.

Ambos os domínios se interrelacionam e exercem profundas influências na Qualidade de Vida e da Inteligência Emocional dos professores e como consequência nas suas práticas.

Optámos por um instrumento da colheita de dados constituído por uma Escala elaborada e consequentemente, já testada por outros investigadores foi editada pela “Essi Systems, Inc.,” os autores são, Cooper e Sawfs, (1997). Foi traduzida e adaptada para o português por nós. É esta última versão a que foi utilizada nesta investigação associada a um questionário Sociodemográfico e a uma Entrevista Semiestruturada.

Recorremos à técnica de amostragem não probabilística por conveniência. A amostra é constituída por um total de 135 indivíduos que correspondem a 130 professores do género feminino e 5 professores do género masculino, perfazendo o total da nossa amostra de um universo de 447 professores da Região Centro.

Para a entrevista semiestruturada escolhemos 9 professoras do Ensino Especial com elevada experiência neste tipo de serviço, o que nos permitiu um aprofundamento maior da temática em estudo.

RESULTADOS

Os principais resultados mostram que 45% da amostra revela vulnerabilidade na Inteligência Emocional.

Relativamente ao fator “Qualidade de Vida” sabemos que os valores podem situar-se entre 33 e 0, sendo que entre 33 e 27 o resultado é considerado ótimo, entre 26 e 23, proficiente, entre 22 e 17 vulnerável e entre 16 e 0, é preciso atenção.

A análise do género feminino, mostra que a pontuação mínima é de 6,0 e a pontuação máxima é de 33,0; existem 42 elementos que têm um resultado “ótimo” quanto à qualidade de vida; 24 possuem um resultado “proficiente”; 35 inquiridos são “vulneráveis” e 29 elementos estão num nível em que “é preciso atenção” (c.f. a tabela 1 e quadro 1). Quanto à cotação máxima neste ponto, apenas 4,61% (n=6) obtiveram este valor. Podemos ainda visualizar que 32,30% (n=42) tiveram um resultado ótimo. Mas os valores mais preocupantes foram das categorias em que “é preciso atenção” e “vulnerável” com 22,30% (n=29) e 26,92% (n=35), respetivamente.

Quanto ao sexo masculino, a pontuação máxima foi de 32,0 e a pontuação mínima foi de 15,0;

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL DOS PROFESSORES: RELEVÂNCIA PARA AS PRÁTICAS INCLUSIVAS

isto é, não existe nenhum indivíduo com um resultado proficiente, existindo 2 indivíduos com um resultado “vulnerável” e 2 elementos que requerem atenção e 1 inquirido que está classificado com ótimo (c.f. a tabela 1 e quadro 1). Assim, 80% são vulneráveis ou requerem atenção.

As médias mostram que os elementos do sexo masculino têm valores mais baixos. Ambos os gêneros têm de média um valor correspondente ao “proficiente”; de 21.20 e 22.38, respectivamente (c.f. quadro 1).

Globalmente podemos dizer que a maioria dos elementos da amostra está satisfeita com a generalidade da vida.

Quadro 1 – Distribuição dos resultados da “Qualidade de Vida” pelo sexo.

Género	Qual. De Vida	N	\bar{x}	Min	Max
Masculino		5	21.2	15	32
Feminino		130	22.38	6	33
Total da Amostra		135	22.34	6	33

Tabela 1 – Relação entre o sexo e o fator “Qualidade de Vida”.

Valores	Classificação	Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
0,0 – 16,0	Preciso Atenção	2	29	2
17,0-22,0	Vulnerável	2	35	18
23,0 – 26,0	Proficiente	0	24	66
27,0-33,0	Ótimo	1	42	49
TOTAL		5	130	135

Encontramos ainda associações altamente significativas entre Satisfação de Vida ($r=.301$) e a Qualidade de Vida ($r=.523$), Qualidade de Vida ($r=.730$) e Desempenho Ótimo ($r=.589$), Qualidade de Vida ($r=.666$) e Quociente de Relacionamento ($r=.617$).

A Qualidade de Vida é o fator que apresenta maior peso preditivo ($Beta= .295$) na Inteligência Emocional.

CONCLUSÃO

Os recentes avanços das neurociências têm demonstrado a importância das emoções nos processos de tomada de decisão, nas relações interpessoais e no desempenho profissional dos indivíduos.

Assim, alicerçados nos objetivos inicialmente definidos neste processo investigativo e considerando eixos orientadores desta pesquisa podemos afirmar que a população estudada é majoritariamente feminina, tem uma média de idades que se situa no intervalo dos 25-35 anos, e o grupo menos representado é o dos 46-55 anos sendo na sua maioria casados. O nível académico é a

Licenciatura no 1º Ciclo e Especialização na área Mental-Motora. A maioria Trabalha na Educação Especial há mais de 5 anos, tendo também experiência de mais de 11 anos na educação regular.

Os professores do género masculino apresentam uma maior vulnerabilidade na dimensão Ambiente Atual e também são os homens que apresentam maior dificuldade em expressar os seus sentimentos.

O Ambiente Atual que integra as ocorrências de vida, as pressões e a qualidade de vida influencia o nível de Inteligência Emocional da nossa amostra, sendo que quanto mais gratificante for, maior é a Inteligência Emocional. De igual modo, as Competências Emocionais dos Professores de Educação Especial são igualmente influenciadas por esta dimensão.

A Inteligência Emocional da amostra apresenta uma associação positiva muito elevada com os fatores Qualidade de Vida, Desempenho Ótimo, Satisfação de Vida e Quociente de Relacionamento. Por outro lado revela uma associação negativa com a Saúde em geral, Pressões de Vida e Ocorrências de Vida.

A qualidade de vida é a variável com maior valor preditivo na Inteligência Emocional dos professores, e neste sentido vai também a investigação de Marques (2010) realizado com Professores do Ensino Superior e onde foi utilizado o mesmo questionário cujos resultados apontam também para que as ocorrências de vida e a saúde em geral tenham uma influência negativa da Inteligência Emocional e a qualidade de vida, satisfação na vida, quociente de relacionamento e desempenho ótimo relevem para uma maior Inteligência Emocional.

Em relação às principais conclusões das entrevistas, verificámos que as perceções dos professores sobre a Inteligência Emocional, revelam uma grande proximidade ao conceito apresentado e mostra ainda que eles perceberam as condições de vida, a Qualidade de Vida e as Ocorrências de Vida, como fatores influentes na Inteligência Emocional, referem ainda que as suas práticas são altamente influenciadas por estes fatores.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, L.(coord.). (2002). *Inteligência Humana-Vol-1*. Coimbra: Edições Quarteto
- ALVES, F., (1991). *A satisfação insatisfação docente*. Dissertação de mestrado em Ciências da Educação – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- BASTIAN, V.A. (2005). *Emotional intelligence predicts life skills but not as well as personality and creative abilities* – Dissertação de doutoramento – Department of Psychology - University of Adelaide.
- BRENNAN, W. K. (1988). *Curriculum for special needs*. Milton Keynes: Open University Press.
- BUENO, J. ET. AL. (2006). *Inteligência Emocional em estudantes universitários, (consultado a 22 de Agosto de 2008)*. Disponível na [www: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010237722006000300007&script=sci_arttext&tlng=en.>](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010237722006000300007&script=sci_arttext&tlng=en)
- CARVALHO, O.A., PEIXOTO, L.M. (2000). *A Escola Inclusiva- da utopia à realidade*. Braga: APPACDM Distrital de Braga.
- COOPER, R. SAWAF, A (1997). *Inteligência Emocional na Empresa*. Rio de Janeiro: Editora Campos.
- DAMÁSIO, A., (2000). *O Erro de Descartes – Emoção, Razão e Cérebro Humano*. (21ª Edição). Mem Martins. Publicações Europa América.
- DAMÁSIO, A., (2003). *O Sentimento de Si – O corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*. (14.ª Edição). Mem Martins. Publicações Europa América.
- DAMÁSIO, A. (2003). *Ao encontro de Espinosa, as Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir*. Mem Martins: Publicações Europa América.
- FERNÁNDEZ-BERRÓCAL P. et al.(2008). *Revista Eletrônica de Pesquisas em Psicologia Educacional*-Es la inteligencia emocional una cuestión de género? Socialización de las competencias emocionales en hombres y mujeres y sus implicaciones. . ISSN. 1696-2095. 1696-

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL DOS PROFESSORES: RELEVÂNCIA PARA AS PRÁTICAS INCLUSIVAS

2095. No 15, Vol 6 (2) 2008, pp: 455-474-436 N ° 15, Vol. 6 2)
- FERNÁNDEZ-BERROCAL P. et al.(2008). *Revista Eletrônica de Pesquisas em Psicologia Educacional*.-La Inteligencia Emocional en La Educación. . ISSN. 1696-2095. 1696-2095. No 15, Vol 6 (2) 2008, pp: 421-436 N ° 15, Vol. 6 2)
- FERNÁNDEZ-BERROCAL P. et al.(2008). *Revista Eletrônica de Pesquisas em Psicologia Educacional*.-La Inteligencia Emocional como uma competência básica en la formación inicial de los docentes: algunas evidencias. . ISSN. 1696-2095. 1696-2095. No 15, Vol 6 (2) 2008, pp: 437-454 N ° 15, Vol. 6 2)
- GARDNER, L. (2005). *Emotional intelligence and occupational stress*. Dissertação de doutoramento - Centre of Neurophysiology – Swinburn University of Technology.
- GOLEMAN, D., (1995). *Inteligência Emocional*. (12ª Edição). (Correi, M. Trad.) Lisboa. Circulo de Leitores.
- GOLEMAN, D., (1998). *Trabalhar com Inteligência Emocional*. (Fernandes, A. Trad.). Lisboa. Temas e Debates.
- GOLEMAN, D., BOYATZIS, R. E MCKEE, A. (2007). Os Novos Líderes – *A Inteligência Emocional nas Organizações* . (Rocha, E. Trad.). Lisboa. Gradiva.
- GOLEMAN, T. (2001). *Emocional Alchemy – How the Mind Can Heal the Heart*. 1st Edition. New York. Harmony.
- LEDOUX, J. (1996). *Cérebro Emocional – as misteriosas estruturas da vida emocional*. Cascais: Editora Pergaminho.
- MÁRTIN, D., BOECK, K. (1997). *O Que é a Inteligência Emocional*. Lisboa. Pergaminho.
- MAYER, J. D. e SALOVEY, P. (1997). *Emotional Development and Emotional Intelligence: Implications for Educators*. New York: Basic Books.
- MULLER-LISSINER, A., (2001). *A Inteligência Emocional na Criança – Como estimulá-la no seu filho*. Cascais. Coleção Biblioteca Pergaminho
- NASCIMENTO, R., MENDOZA, C., ROBERTS, E. (2002). *Inteligência Emocional: Um constructo científico?*. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte
- PALMER, B.J. (2003). *A analysis of the relationships between various models and measures of emotional intelligence*; Dissertação de mestrado – Centre of Neurophysiology – School of Biophysical Sciences and Electrical Engineering – Swinburn University of Technology.
- PENA GARRIDO, M. REPETTO TALAVERA E. (2008). *Revista Eletrônica de Pesquisas em Psicologia Educacional**Estado de la investigación en España sobre Inteligencia Emocional en el ámbito educativo* . ISSN. 1696-2095. 1696-2095. No 15, Vol 6 (2) 2008, pp: 400-420 N ° 15, Vol. 6 2)
- REGO, A.; CUNHA, M.P. CUNHA, R.; CARDOSO, C. (2007). *Manual de Comportamento Organizacional e Gestão*. 6ª edição. Lisboa: Editora RH
- ROCHA, J. (2005) *O stress e o desgaste profissional dos professores do ensino básico, secundário e universitário*. Instituto Piaget, Viseu.
- ROSETE, D. (2007). *Does emotional intelligence play on important role in leadership effectiveness?* – Dissertação de doutoramento – Organisational Psychology – University of Wollongong.
- SILVA, J., (2001) *Inteligência Social e Emocional*. Acedido em: 9-11-2007, em: <http://www.pcarp.usp.br/acsi/anterior/720/mat15.htm>
- TEIXEIRA, A. (2005). A Satisfação Profissional e a Inteligência Emocional. *Revista Sinais Vitais*. 59 Pp.52-54
- VALE, V. (2003). Fios e Desafios da Inteligência Emocional. Tese de Mestrado em Ciências da Educação – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Coimbra, Coimbra.